

Análise (apenas?) Musical: Uma Perspectiva Ecológica

Miguel Ribeiro-Pereira
ESMAE/ IPP; CITAR/ UCP

Resumo: *Quero voar! voar! ...* — pede, aflito, “O pássaro cativo” numa gaiola dourada, poesia infantil do poeta brasileiro Olavo Bilac (1929). Mais soturna ainda será a analogia que o compositor alemão Karlheinz Stockhausen (1975) nos deu da análise musical que procede como aqueles biólogos que, ao contrário dos poetas, têm de matar um pássaro para escrever sobre ele. O encanto das aves canoras tem uma rica e variada tradição na cultura musical europeia moderna, desde os seus primórdios na Renascença. Exemplos maiores do nosso tempo são a utilização que Igor Stravinsky (1942) fez dessas “canções” para explicar *a contrario* o fenómeno musical, e que Olivier Messiaen, em sintonia com essa fonte, tomou como inspiração para a sua própria música, ou John Cage (1976) para descrever a sua aventura estética e um (in)certo ambiente da arte contemporânea.

Tal primado da experiência da arte e da vida — intensa, plena — será o mote que me proponho elaborar, segundo uma perspectiva ecológica da análise musical. Primeiro, tratarei de alinhar os aspectos fundamentais atinentes à criação/ apreciação artísticas. Depois, em contexto estilístico e histórico, impor-se-á exemplificar essa abordagem em dois planos da música: o da teoria, recorrendo aos acordes cruciais de sexta napolitana e sexta aumentada para compreender a tonalidade cromática, e o da análise, preparando uma discussão (futura) sobre o mítico “acorde de Tristão”, de Richard Wagner.

Farei então um voto, à guisa de conclusão: que cada músico possa descobrir esse ramo de árvore, tal como o pássaro em liberdade, e assim cumprir o seu destino!

Palavras-chave: análise musical, perspectiva ecológica, música tonal, paradigma morfológico, J. W. von Goethe.